



atordoamento

Juliano Ribas*

O trabalho dele: pôr a pistola de pressão no crânio do bicho acionar o mecanismo que faz o disparo. Aí o bicho fica atordoado, se amolece todo e arria desfalecido. Depois que abrem as comportas do cubículo que ficam acompanhando a lateral do bicho (abrem como um abraço, um abraço invertido, um abraço que solta) e depois que o bicho escorrega numa rampa feita de azulejos bem brancos, vem o próximo funcionário da linha de desmontagem e põe na pata um gancho e pendura quase uma tonelada de bicho a mais ou menos um metro do chão. O bicho: insensível, inerte, ainda não morto por alguns segundos. Mas depois que a faca lhe percorre o pescoço longitudinalmente, fim. Tem um sujeito que faz isso logo depois que o bicho é pendurado de cabeça para baixo. Com uma lâmina muito amolada, sangra o bicho de um jeito tão correto, mecânico e treinado que demora uns segundos pra pingar o sangue. E o primeiro que pinga é um sangue

¹ Juliano Ribas é escritor, autor do romance *Contrafeito*, pela editora Terceiro Nome. E-mail de contato: julianoribas@uol.com.br.

meio preto. Depois vem aquele sangue, sangue, vermelho e mais solto. Quem ergue o bicho é um elevador hidráulico tão potente que levantaria um pequeno rebanho ao mesmo tempo. Mal o bicho se distancia pela esteira elétrica que o leva pendurado e já há outro no cubículo (ou boxe de atordoamento) para ser abatido. E de novo aquele olhar. De uns tempos para cá ele começou a prestar atenção naquele olhar. E a prestar mais atenção em todos os olhares. Dois círculos pretos tomando a maior parte de duas esferas brancas maiores do que bolas de bilhar. O focinho apontado para ele é a mira pela qual o bicho lança-lhe um olhar clemente. Irá morrer e não há nada o que possa fazer para continuar vivo. Mas eles sempre tentam um último olhar. Um último olhar antes de morrer.

Deve ser uma dor desgraçada morrer desse jeito. Mas ele não sente dor igual a gente, deve sentir uma dor de bicho, que sabe-se lá como é. Calcule tomar aquela dor para si, você desmaiado com um gancho fincado na perna sem poder fazer nada porque você tomou um croque intenso na cabeça e desmaiou e alguém aproveitou-se disso para fincar-lhe um gancho pontudo de metal. Imagina estar meio morto, meio vivo e ter que ficar imóvel porque qualquer movimento pode causar dor e você tem que ficar bem parado. A intensidade do disparo e a precisão do tiro de ar devem ser tão rapidamente absorvidas pelo bicho que fazem a dor insensível. É uma morte muito higiênica, mecânica e objetiva. São milésimos de segundo entre o disparo, a dor e o desmaio, mas será que ele não está sentindo nada mesmo? Será que ele morre durante o procedimento de abate, ou vai falecendo dolorosa e silenciosamente enquanto o descarnam? E assim ele vai ruminando enquanto cumpre a jornada, digerindo trinta segundos de compaixão pelo bicho até o próximo entrar no cubículo e olhar pra ele com aquele olhar complacente. E assim por diante.

Com o tempo ele começou a imaginar o que os bichos clamavam antes de morrer, como se pudesse escutá-los através de seus olhos.

Por favor, não me mate.

Eu sou como você, não me mate.

Estamos no mesmo lado.

Repare, você tem tetas.

Se nos abraçarmos, nos aquecemos.

Existem outras formas de alimento.

Help, I need somebody, help.

Imagine there's no heaven.

Comam mais galinhas.

Couve também tem ferro.

Somos os dois filhos de Deus.

Eu tenho sentimentos.

Eu te odeio, porco maldito.

Ele fuma do mesmo cigarro que a maioria, dados os maços amassados e as bitucas da mesma sorte espalhados pelo chão do fumódromo. É um cigarro barato, com nome e desenho de embalagem genéricos o suficiente para representarem um produto da categoria "cigarros", mas sem nada muito marcante. O fumódromo fica um pouco distante da sua seção e a caminhada até lá é um dos seus momentos de prazer ordinário. Outro, é tirar o protetor auricular, a touca e o capacete, sem os quais sequer pode entrar na sua seção. Outro, é o próprio consumo do cigarro. Ali ele pode, mesmo que normalmente interaja pouco com eles, reparar melhor nos colegas sem as máscaras funcionais. A presença de mulheres é igual ou maior que a masculina, o que o faz pensar que as mulheres estão fumando demais e

opiniões

aceitando trabalhos com adicional de insalubridade. Ele vai perscrutando os olhos dos que se agarram às suas muletas em brasa e nota o mesmo olhar derradeiro de bicho antes de ser prostrado.

Não vejo a hora de chegar em casa.

Queria ter sido professora.

Vou tomar um porre hoje.

Ele nunca mais vai falar comigo assim.

E o fim do dia que não chega.

Preciso parar de fumar.

Ah, look at all the lonely people.

Vou subir na empresa e eles vão ver.

Mandar à merda dá justa causa?

Deus, estou quebrado.

Que vontade de morrer.

Ainda tenho que passar no mercado.

Preciso de alguém para amar.

As pálpebras dela descortinam pedidos de clemência ao piscar dos olhos. As feições do rosto dela mostram a aceitação de sua sina, de seu ofício, de suas origens, da vida dura que leva, do dinheiro contado que pouco lhe sobra. Uma gratidão lacônica pelo emprego, pelos benefícios oferecidos pela empresa, pelo adicional de insalubridade. Uma resignação esperançosa, já que no fundo dos seus pequenos breus há um facho tênue sinalizando por amor. Não aceita que nem uma chance para o amor possa ter nessa vida. Ela puxa o cigarro com

força, quase com raiva, para simular uma passagem de tempo acelerada, transformando fumo em cinza de forma ligeira e contínua e assim ter a sensação de fazer o tempo passar mais rápido e encurtar o sofrimento pela espera do dia em que encontrará seu amor. Ele sentiu tudo isso naquele olhar. Mesmo que tenha sido apenas imaginação. Muito mais profundo do que se sentisse de um bicho. Ou dos outros colegas de fábrica e de fumódromo. Um olhar pelos quais ele doaria os seus.

É um sexto sentido, uma habilidade telepática não conhecida, um ouvido universal, uma mutação genética, essas coisas lhe passaram pela cabeça antes de chegar à conclusão que andava um tanto transtornado e que precisava de férias. Mas foi como se ele ouvisse os olhos dela, como dissesse através deles em seus ouvidos: preciso de alguém para amar. Preciso de alguém para amar. Será que ele já a havia visto? Como não teria reparado? Será que aqueles olhos pediam por amor há muito tempo e ele não teria ouvido? Estava surdo demais? Acostumara-se ao mundo percebido por uma audição abafada por protetores auriculares e mesmo sem eles continuara a ouvir o abafamento? Fosse o clamor da mulher um delírio ou algo realmente fruto de um sentido especial, tanto faria, pois instalara-se nele a necessidade de descobrir, e decidiu: se ela procura por um amor, e, caso haja mesmo essa urgência em sua alma, ele teria condições de supri-la.

Para o homem solitário é muito natural demorar para ter a iniciativa de qualquer coisa. Ainda mais se a motivação que o leva a ter a intenção de tomar uma iniciativa envolve outra pessoa. Ainda mais se há a negação consciente de que esta motivação nasceu de um delírio e da crença mirrada de que encontrou, através de telepatia, sexto sentido ou coisa assim, uma mulher que precisa desesperadamente de amor. Mas esta equação foi suficiente para se convencer de que deveria fazer alguma coisa em relação a ela. Demorou novecentos bichos atordoados por ele. Ou três mil peças de carne de bicho limpas de sebo por ela. Ou duzentos e vinte

cigarros dele. Ou duzentos e sessenta dela. Até o dia que ele perguntou: oi, você gosta de Beatles? E ela respondeu que sim e conhecia uma música, sabe aquela, como é mesmo, e disse cantarolando sem jeito o nome que imaginava ser: ei, ju. Era a única que lembrava, mas gostava muito. Ele a corrigiu e informou que o nome certo é Hey Jude e começou a lembrá-la de outras canções e ela conseguiu reconhecer Yellow Submarine e até murmurou um trecho. Então trocaram credenciais, ele do abate, ela do setor frio. E ele achou muito interessante ela odiar beterraba assim como ele, no primeiro almoço no refeitório. E ela adorou saber que seu prato preferido no refeitório era bife à rolê com purê de batatas assim como o seu e passaram então a fazer das terças-feiras em que esta opção é servida um compromisso em que almoçam combinando os horários. E foi lá que ele começou a falar da sua pequena coleção de discos dos Beatles, de quanto gostava de John Lennon e de quantas músicas deles tinha em seu celular. E foi sob a névoa dos cigarros baratos do fumódromo que ele finalmente a convidou para ir à sua casa para escutar “os quatro garotos de Liverpool”, expressão que sempre repetia nas conversas com a intenção de impressionar por conhecimento e proximidade do assunto. Foi soltando uma baforada que ela sugeriu que fossem ao bar próximo à fábrica tomar uma cerveja na sexta depois do expediente para se conhecerem melhor antes de qualquer visita à casa de um deles e lhe deu o número do seu telefone.

As vísceras de bicho despencando do interior dos bichos lhe parecem agora uma expressão poética da brevidade da vida. A bexiga inchada de bicho pulsante na bancada prestes a ir para a bucharia, onde será lavada e aproveitada para alguma serventia, o símbolo de um mundo em eterno recomeço. As inúmeras traqueias de bicho amontoadas numa enorme caixa aguardando a limpeza para serem exportadas para algum país de culinária exótica, a representação da essência que dá vida a todos os seres. O pungente odor acre do galpão de abate, a crueza que confronta a artificialidade inodora

da sociedade, e respirá-lo seria a rebeldia que nos faz sentir vivos e jovens. Parece flutuar no sangue de bicho acumulado no chão do galpão no caminho até seu posto no boxe de atordoamento. Atordoado de paixão, observa o trilho por onde são carregadas as carcaças para o desmanche. Até que a entrada do cubículo se abre e o primeiro bicho do segundo turno se posiciona compelido pela fila de outros bichos. Assim que a porta se fecha contendo o avanço do restante da fila, o bicho confronta seu imenso olhar aos dele. E o amor que há pouco começara a se manifestar, acionado pelos olhos desesperados de uma mulher, e potencializado pela perspectiva de umas cervejas, Beatles na vitrola e sexo com ela na próxima sexta-feira, passa a se manifestar também em cada bicho. E cada estampido de ar comprimido passa a ser o som da libertação.

Estou cumprindo minha nobre função na Terra.

Obrigado Senhor por me fazer alimento que sustenta vosso rebanho.

Minha proteína é essencial para a dieta humana.

Não fossem os humanos me confinarem, já tinha sido extinto.

Senhor predador, é uma honra.

Já vivi tempo suficiente.

Apenas dê um bom fim a todas as minhas partes.

Eu te amo, amigo, e te ofereço a outra face.

Acredite no amor até o fim, assim como eu.

A humanidade precisa da minha carne, não da minha velhice.

Strawberry fields forever.